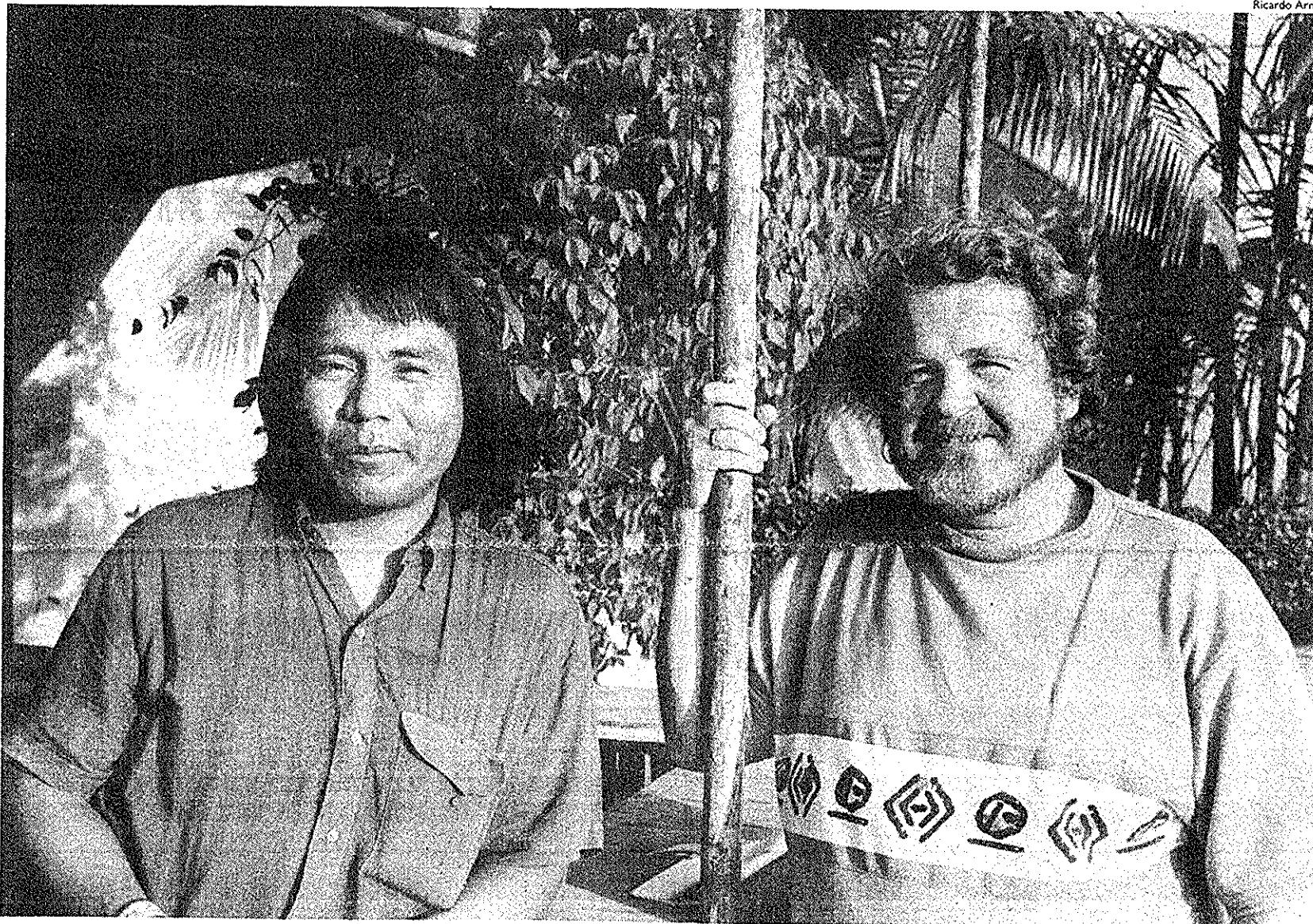


Ridley Scott conta história de xamã dos caiapó em filme candidato a cult

RICARDO ARNT

Enviado especial a Belém (PA)



Paulo Paiakã e o antropólogo e entomólogo norte-americano Darrell Posey, personagens que serão retratados no filme de Ridley Scott

sair como desejamos. Acho que para o Ridley Scott será um filme importante e diferente dos que já fez”, afirma o antropólogo.

Posey anima uma iniciativa da Sociedade de Antropologia Aplicada e da Fundação Pelos Direitos Humanos, dos EUA, com apoio de parlamentares norte-americanos, para o estabelecimento de mecanismos internacionais que reconheçam e compensem os índios pelos “direitos de propriedade intelectual” sobre expressões artísticas, conhecimentos e

tecnologias apropriadas pelos brancos.

Junto com o caiapó Kube-I, Paiakã e Posey transcenderam a aldeia de Gorotire, a 115 km a oeste de Redenção, no Sul do Pará, e capturaram a atenção mundial ao protestarem, em Washington, em janeiro de 1988, contra a construção do Complexo Hidrelétrico de Altamira. O governo brasileiro processou-os por “interferência em assuntos internos” e indiciou os índios na “Lei de Estrangeiros”, ameaçando-os com prisão a expulsão do país. O

processo surrealista, arquivado em fevereiro de 1989, lançou Paiakã e Posey no jet-set ambiental mundial.

O filme começa com a história de Beptopup, 75, que nasceu antes dos caiapó entrarem em contato com os brancos. Com 20 anos, Beptopup foi para Belém curar uma tuberculose, mas pegou sarampo e transmitiu-o à tribo. Muita gente morreu. Como os caiapó acreditam que quem provoca a morte tem de ser punido, Beptopup fugiu. Ficou dois anos anos escondido na floresta. Lá, descobriu os seus saberes.

Voltou para Gorotire e virou xamã. Seus lendários conhecimentos sobre a floresta deveriam ser transmitidos ao sobrinho, segundo a tradição. Mas o jovem Paiakã, que aprendera a ler e escrever caiapó e português, preferiu trabalhar na Transamazônica e na Funai. Em 1977, Posey entra na história desembarcando em Gorotire para fazer uma tese de doutorado sobre uso de insetos pelos índios.

“Vinte e um dias depois de chegar, os caiapó me levaram a um ataque a garimpeiros, a 85 km da aldeia. Eu achei que ia pescar.

Não mataram ninguém, mas bateram, queimaram, pilharam e expulsaram todos. Paiakã estava junto e saiu carregando uma motosserra. Na fuga, carregado, caí em um igarapé e quase me afoguei. Paiakã salvou minha vida”, conta Posey.

A partir de 1977, as terras dos caiapó foram invadidas por garimpeiros, fazendeiros e madeireiros. Paiakã era o único que falava português. Virou o intermediário político com os brancos. A defesa dos interesses dos índios levaria-o a campanhas memoráveis, como a luta contra a transformação da Serra do Cachimbo em campo de provas nucleares (1987), o congresso Constituinte (1988) e os protestos contra as hidrelétricas do Xingu, em Altamira (1989). Enquanto isso, Posey aprendia a ciência de Beptopup.

A história termina em reconciliação. O político Paiakã descobre que a sobrevivência dos índios depende de uma inserção mais favorável no mundo dos brancos. Volta a Gorotire, com 35 anos, para aprender com o velho Beptopup as tecnologias indígenas para medicina, agricultura, astronomia, manejo de solos, fauna etc. Busca projetos de desenvolvimento capazes de garantir a prosperidade e a sobrevivência dos índios no mundo dos brancos. Em sua viagem transhistórica, o índio naturalista em-si vira ecólogo para-si.

LEIA MAIS

Entrevista com o antropólogo Darrell Posey na pág.E-2

Ridley Scott na Amazônia

Antropólogo propõe “capitalismo verde”

Ricardo Arnt

Diretor estreou com ‘Os Duelistas’

Da Redação

Do enviado especial a Belém

Darrell Posey está enfasiado com campanhas de salvação da Amazônia. Vê um Grand Canyon entre a dinâmica política e as propostas ambientalistas. O “Projeto Caiapó” e o “Núcleo de Estudos Etno-Botânicos”, que dirige no Museu Goeldi, dedicam-se a projetos práticos. Visam tornar economicamente rentáveis as tecnologias indígenas na medicina, silvicultura, agricultura, apicultura, seleção genética, manejo de solos, fauna e flora. Na sua opinião, os índios não têm alternativa fora de uma saída “econômica”.

★
Folha — Você fala em “democracia do consumidor” e “capitalismo verde”. O que é isso?

Darrel Posey — É uma constatação. Estive na Romênia, na Albânia, na China, na Iugoslávia e na China, recentemente. Não importa se é capitalismo ou comunismo, as pessoas querem consumir. O capitalismo chegou ao Leste e vai aumentar as pressões que nos trouxeram à crise. O clima está mudando, os recursos se esgotando e a diversidade biológica terminando. Restam apenas orientá-lo, reformando a produção e os padrões de consumo.

Folha — Isso parece catastrófico.

Posey — E é. Apertem os cintos. Peguem os salva-vidas. Preparem-se para o choque. Não há combustível que sustente a voracidade atual. Vai haver co-

lapso.

Folha — Os ambientalistas estão fora da realidade?

Posey — Estão. Argumentos morais não bastam. Na Alemanha há 85 grupos de defesa da floresta tropical. Querem proteger o índio. Mas não admitem que existam aqueles que não queiram ser protegidos. Índios querem passar para o outro milênio. Precisam de dinheiro para se defender. Não há opção.

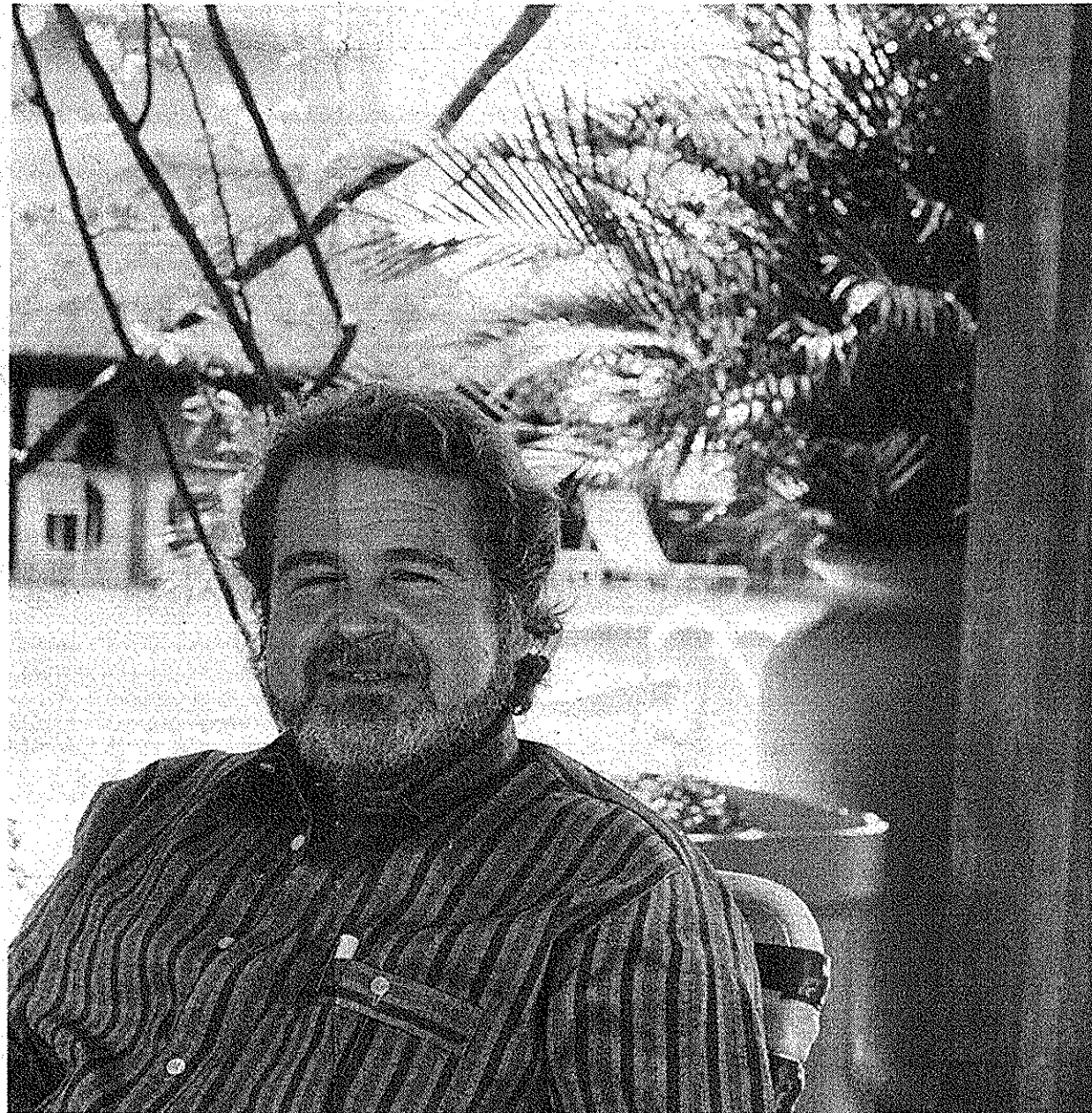
Folha — Você não teme que essa nova economia natural engendre um novo colonialismo?

Posey — Temo. Temo essa onda de eco-empresas e consumo iluminado. A cultura indígena tem de ser defendida de companhias farmacêuticas, geneticistas, químicos e economistas. Por isso defendo os “direitos de propriedade intelectual”. É preciso criar mecanismos que assegurem compensação a esses conhecimentos. O mercado anual de plantas medicinais movimentou US\$ 43 bilhões. O mercado de inseticidas e materiais genéticos, US\$ 40 bilhões. A indústria de sementes, sozinha, US\$ 15 bilhões por ano.

Folha — Você está abrindo uma “caixa de Pandora”?

Posey — Estou. Não aceito o falso paternalismo que permite a cientistas, antropólogos, artistas e empresários lucrarem com a evanescente cultura indígena. Queremos livre acesso aos saberes deles, mas nossas invenções são patenteadas. Precisamos de uma ética eco-étnica. Esse é o atalho para o “capitalismo verde”.

(Ricardo Arnt)



O antropólogo norte-americano Darrell Posey, pesquisador do Museu Goeldi de Belém, em entrevista

“Blade Runner” (“O Caçador de Andróides”, no Brasil) firmou o inglês Ridley Scott, 51, como um dos principais cineastas contemporâneos, em 1982. Desde 1979, com o horripilante igualmente futurístico “Alien, Oitavo Passageiro”, o diretor egresso do cinema publicitário conheceu a popularidade e o sucesso de bilheteria.

Os cinéfilos o notaram em 7 com “Os Duelistas”, baseado numa novela de Joseph Conrad considerado um dos melhores filmes sobre a época de Napoleão, na França. Seu senso agudo de cor e iluminação refinou-se em “Alien” e “Blade Runner”. Este entronizou o ator Harrison Ford, no papel de um detetive caçador de andróides.

Em 1985, Scott fez “A Lenda”, uma história fantástico-infantil, decepcionante pela ingenuidade. Em 1987, obteve sucesso novamente com “Someone to Watch Over Me” (“Perigo à Noite”) onde um policial de origem modesta resistia aos encantos de uma jovem milionária que devia proteger.

Seu último filme “Black Rain” (“Chuva Negra”), em 1989, trata de um detetive americano (Michael Douglas) encarregado de extraditar para os Estados Unidos um prisioneiro da Máfia japonesa. Seu desprezo pelos japoneses valeu-lhe acusações de racismo.